



Rogério Vieira e Glicinia Quartim em «Abel Abel»

□ TEATRO/CRÍTICA

Abel, Abel

Maria Helena Serôdio

O Teatro do Bairro Alto voltou a ser lugar de revelação de um texto de Augusto Sobral (depois de Memórias de uma mulher fatal). E para ajuizar do seu valor literário e das suas potencialidades cênicas bastaria ver esta encenação de Rogério Vieira que desde logo enuncia a relação íntima de texto-espaço-objectos.

Dir-se-á tratar-se de um realismo em sobressalto, ou seja, de um realismo que de algum modo subverte o superficialismo de uma reprodução imitativa, procurando a exemplaridade de um tema bíblico (Caim e Abel) e explorando a ambiguidade na fronteira que bradica entre o real e o ilusório (na identidade do polícia, por exemplo). Esta característica do texto foi até certo ponto razão de ser de um cenário (concebido por Leopoldo de Almeida) que apresenta uma solução naturalista (evocação mimética de uma sala de jantar modesta) de encontro a painéis pintados que configuram a ilusão e a moldura. Ponto fulcral do cenário (e da peça) é a cadeira de rodas que se torna lugar simbólico a que não falta, todavia, a contradição exasperada: é simultaneamente lugar de autoridade desejada e de confissão de impotência.

As três personagens em cena

— Albino, Abel e a mãe — são dramaticamente consistentes e humanamente representativas. Enunciam alguns temas e vectores de relações vividas: a arbitrariedade do poder que elege e condena, o desencanto de uma vida sem sentido, o protesto que surpreendentemente explode na boca ou nas mãos de quem parece abúlico ou impotente, e a dor de ser infeliz ou condenado sem culpa precisa.

O diálogo oscila entre o sugestivo e o persuasivo, ou seja, entre a evocação de um quotidiano vulgar (pela construção pausada a partir de uma palavra ou de uma imagem que agrupando outras e repetindo-se vai ponto a ponto construindo uma sequência argumentativa) e a eficácia de um discurso que enuncia valores e os pretende transmitir. Uma vez apenas esse equilíbrio é perturbado: pelas considerações alongadas da mãe sobre o ódio e sobre a guerra que, embora justas, não parecem, todavia, justificadas na lógica de construção a que obedeceu a personagem.

Do ponto de vista da linguagem dramática é o monólogo o lugar da excelência, não só pela interpretação notável de Rogério Vieira, mas também porque no texto de Augusto Sobral é a partir da vi-

vência singular que se avalia o conflito e o sofrimento. Na verdade, o monólogo de Albino surge como modelação exemplar de uma interioridade psicológica anatomizada de encontro à realidade imediata: a de uma personagem anónima num emprego indecifrado e o quanto de inumano estas circunstâncias forjam, rondando, por isso, o patológico, sem, contudo, se desviar da normalidade. Esta circunstância confere à peça a qualidade de um exercício de rigor, sobriedade e ironia (que é, sabe-se, a expressão acabada da contensão e diálogo entre o subjectivo e o objectivo).

A acção desenrola-se em três actos que se revelam três momentos definidos em torno do lugar objecto que é a cadeira, provando esta convergência que o texto se constrói sobre uma retórica teatral concentrada e quase classicizante.

Na sua concretização cênica, o espectáculo atinge igualmente uma qualidade notável pela interpretação rica e modulada de Rogério Vieira e pelo equilíbrio com que contracenam José Wallenstein e Glicinia Quartim. O cenário, sendo eficaz e funcional, não é, todavia, muito particularmente sugestivo.

Enfim, com este espectáculo, Augusto Sobral e Rogério Vieira indicam-nos que o Teatro pode avançar seguramente por itinerários portugueses actuais e que só ganhará com isso.